

# Homenagem ao Ministro José de Jesus Filho\*

## O EXMO. SR. MINISTRO MILTON LUIZ PEREIRA:

Senhor Presidente, Senhores Ministros, para não deslustrar as saudações e cumprimentos às dignas autoridades, convidados e pessoas gradas, feitos pela augusta Presidência deste Tribunal, de minha parte, sem outras nomeações, comungo com as manifestações de Vossa Excelência.

Concluída a locução inicial, liberado para falar, a meu aviso, ressalto que a distinção decorre de critérios plasmados na tradição do Tribunal, observando o convívio profissional e próximo com o homenageado. Esclarecida a razão por que outro com reconhecidos predicamentos não tenha sido designado, espero livrar-me da severidade das críticas, preservando-me da decepção do auditório que, prevenido, não criará falsa expectativa.

Oferecidas essas explicações, volto-me para os objetivos das homenagens devidas ao Senhor Ministro José de Jesus Filho. Contudo, receio ser comparado ao súdito que, encarregado de saudar o príncipe em nome da comunidade, para espanto de todos, simplesmente “*traçou-lhe a lápis o perfil*”. Singelos traços lineares, sem força de expressão e sem vida.

Por isso, repito a súplica de Vieira: “*não peço atenção, mas paciência*”.

De efeito, homenagear não é fácil. Em verdade, homenagem é afirmação de fidelidade e respeito ao homenageado. Na forma de cognato é um culto ao *hominem* (homem), e, sob essa réstia, estamos participando de verdadeiro culto à vida, ao trabalho, à amizade, ao cidadão, à família e ao merecimento.

Desse modo, as homenagens não são iguais, porque os homens não são iguais. As histórias da vida não são iguais, razão pela qual cada homenagem é marcada por sentimentos diferentes. Em contrário, assistiríamos a reuniões repetitivas, sem ânimo e sem emoção.

As sessões não são vazias e desalmadas porque distinguem as virtudes, a fortaleza e a dignidade, louvando-se aqueles que transformam a vida em perenes realizações. São os testemunhos de que “*todos os homens morrem e poucos*”

---

\* Sessão Plenária. 27/5/1998.

## Ministro Milton Luiz Pereira

---

*vivem*”. Somente vivem para os pósteros, como filosofou Charles Chaplin, os homens que:

“Levantam os olhos, agradecem a Deus a vida e, por toda a parte em que passam, semeiam o grão maravilhoso do seu sonho.”

É o perfil do homenageado – filho de José de Jesus e Floripes – casado com Rosa e pai de Jaíra, Roseli e José Perdiz, enternecido com a adjetivação de avoengo.

É partícipe da vida, sem impaciência, trabalhando e servindo, projetando-se no seu tempo como dedicado artesão no exercício das suas obrigações no lar, como cidadão na pólis, como professor e nas dignificantes funções do Juiz.

Não deixou envelhecer o caráter, o ideal. Desbravou caminhos, desde Araguari, Minas Gerais, onde nasceu, com palavras de prudência. Tornou-se mestre na cortesia, sinal da dignidade humana. Não escondeu as lágrimas, somente vertidas por quem sabe sentir alegrias e tristezas. Existem lágrimas na bonança e nas agruras.

Na convicção religiosa, dá lições de tolerância. Não perfila a posição extremada de Nietzsche: *“para viver é preciso matar a Deus”*. Aproxima-se do pensador Le Croix: *“quem caminha até o fim, no final encontra Deus”*.

Senhores. Senhoras. Pessoas assim existem, para que pessoas comuns não desanimem, sentindo-se enobrecidas pelos exemplos de eloqüentes sentimentos, que aprimoram a convivência humana. São os privilegiados que confirmam o vaticínio da Pitonisa de Delfos à vida de Pitágoras, considerado o maior cultor da amizade:

“Um filho que será útil a todos os homens, em todos os tempos”.

Coloco na voz essas idéias, para que possa ser compreendido o comportamento do Juiz José de Jesus Filho, cujo devotamento resultou da sua férrea vontade de sublimar a condição humana: valorizando a vida, sem deixar de caldear a amizade como virtude, a lei como orientação, a justiça como fim. Em nenhum momento esqueceu de que o homem é finito, e, a justiça, infinita. O homem pode desejar ser justo, mas não pode confundir-se com a justiça, ou envaidecer-se, pensando que conhece os segredos do Cosmos.

José de Jesus, o filho, sem arrogâncias, sempre procurou florescer esses conceitos, ansiando pelo equilíbrio da balança entre o desejável e o possível. Procurou fincar um juízo lógico, superando a fragilidade humana e os interesses antagonicos, vivenciando página antológica de Rui Barbosa:

## Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e STJ

---

“A sinceridade, a razão, o trabalho, o saber não cessam de mudar: não há outra maneira humana de acertar, e produzir. Varia a fé; varia a lei; varia a justiça; varia a moral; varia a própria verdade; varia nos seus aspectos a criação mesma; tudo, salvo a intuição de Deus e a noção dos seus divinos mandamentos, tudo varia. Só não variam o obdurado, ou o fóssil, o apedeuta, ou o néscio, o maníaco, ou o presumido”. (apud Rubem Nogueira – “O Advogado Rui Barbosa” –, Rio, 1949, p. 422).

Com esses esteios, parecendo que se aconselhou com Pascal, o Juiz homenageado “*ficou sossegado no próprio quarto*”, respeitando e exigindo recíproca consideração, compreendendo a grandeza da sua missão, vendo as coisas “*com os olhos da eternidade*”, sem esquecer do seu passado, vivendo o seu presente, não se amedrontando com o seu futuro.

É a sublimação do espírito, inseparável da retidão da vida do Juiz, sabendo que, “para encontrar a Justiça, é preciso ser-lhe fiel e como todas as divindades, só se manifesta àqueles que nela crêem”. Daí compreender-se o sentido do ensinamento de Calamandrei: “*para achar a pureza do Tribunal, é preciso que nele se entre com a alma pura*”.

José de Jesus, por iguais linhas retas de vivência, comprova que o nome das pessoas tem uma força particular. Como Hércules e Sansão lembram o herói e força, José de Jesus, recorda, sem perder a autoridade, a simplicidade da sua maneira de ser, demonstrando na sua vida profissional que o Juiz se forma ao longo da sua atividade judicante com humildade, vocação, estudo, independência, caráter e experiência. Somente assim insculpe o julgador. Uma coisa é ter o cargo. Outra, é dar alma ao julgado.

José de Jesus, acredite, são considerações guardadas pela memória do nosso trintenário conhecimento, iniciado com o acolhimento que me ofereceu, há quase cinquenta anos, o seu tio Manoel, em Curitiba, aonde fui estudar, saindo do interior do Paraná. É depoimento para que os registros fiquem escritos. Afinal, aprendi com Vieira: “*tudo passa e nada passa*”.

A minha pretensão, pois, é registrar que o homenageado bem cumpriu as suas tarefas como Juiz. Deste Tribunal saiu fisicamente o homem, mas ficaram os frutos do seu trabalho, lições para o presente e futuro. Sim, os juízes são pedreiros anônimos que edificam o justo, dedicando-se à afirmação do Estado de Direito. Quando deixam a atividade formal, continuam julgando pela aplicação dos precedentes que elaboraram. Por isso, nunca deixam definitivamente as Cortes de Justiça.

Aqui e agora, consciente de que abusei da paciência pedida no início, cumprimentando a esposa, filhos e netos do homenageado, concluo afirmando que José de Jesus Filho é o sementeiro desejoso de converter a sociedade pela



## Ministro Milton Luiz Pereira

---

força moral e inspiradora da toga. Prossiga sementeiro, porque tem autoridade para responder como fez o Juiz que deixou as suas funções, conforme o relato de Calamandrei:

“... É por isso que o fim dos meus dias pode ainda, apesar da solidão, ser doce e sereno. Sei que a consciência de ter gasto a melhor parte da minha vida a assegurar a justa felicidade alheia, me dará paz e esperança até o último sopro”. (apud “Juizes e Advogados” – 1998 – Joaquim Correia Jr.).

Continue, amigo. Siga adiante sem temores, com saúde, e com os seus entes queridos, certo dos nossos sentimentos de fraternidade e respeito. Seja feliz.